

QUEM É O BRASILEIRO? EM BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL*

Antônio Ribeiro de Almeida

1. Perspectivas

Colocar as questões da busca da identidade de um povo, do caráter nacional, das características nacionais, da personalidade básica e da personalidade modal é entrar numa área de estudos limítrofes entre a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia e Antropologia onde esses conceitos surgiram e interagem numa interdependência real mas pouco esclarecida. (Ver, por exemplo, Montesquieu (1985), Ortega y Gasset (1967), Toynbee (1974), Fromm (1941), Klineberg (1963), Kardiner (1948), Kardiner, Linton, Du Bois e West (1945), Lévi-Strauss (1981), Erickson (1968) e Montero (1968)).

Esta busca pode ser desdobrada num sem número de questões. Mas eis algumas que coloquei para uma tentativa de resposta: Quem é o Brasileiro? A questão da identidade do brasileiro passa pela questão da formação da sua consciência? Existem, na "intelligentsia" resistências ao estudo da identidade nacional?

A questão "Quem é o Brasileiro?" é uma questão radical e sua origem é filosófica. Na Psicologia ela teria, no máximo, a acolhida numa Psicologia da Compreensão, como a de Spranger (1976) que admitia a existência de tipos ideais. Esta limitação não impediu, entretanto, que Adorno colocasse uma questão semelhante, em 1965, num artigo publicado na revista "Liberal" e que recebeu o título de "Que és alemão?". Como procedem os fenomenólogos é preciso acercar-se da pergunta e examiná-la mais de perto. Assim, a palavra "brasileiro" tem uma história muito breve em nossa língua. O adjetivo "brasileiro" foi dicionarizado por Moraes, segundo Cunha. (Ver *Dicionário*

* Conferência na XVII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SP) em Outubro de 1987.

Etimológico da Língua Portuguesa, 1982), somente em torno de 1833. É possível, contudo, que ele tenha sido usado bem antes no meio do povo com outros adjetivos concorrentes antes de se fixar definitivamente como norma culta. Curioso é registrar o significado de algumas palavras derivadas de "brasileiro". Morais (1950) indica os seguintes: 1. Brasileiresco - grandioso, principesco. Camilo, nos seus *Écos Humorísticos*, escreve: "... era um romântico cheio de julietas e projetos brasileirescos." Já o substantivo "brasileirice" quer dizer "estado do que é languido, dengue." A psicologia destas palavras pode refletir toda uma visão do nosso caráter transmitida, em Portugal, pelos "brasileiros", isto é, portugueses que voltavam ricos à terra. Outra possível fonte pode ser a de viajantes ilustres, como Jean Baptiste Debret. (Veja sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, especialmente as pags. 162-163) ou ainda Thomas Ewbank na sua *Vida no Brasil*. Estes ilustres viajantes consideram "brasileiro" apenas o homem branco, e outra é a descrição que fazem do caráter do mulato, do negro e do indígena, aliás, muito negativa. É, sem dúvida, a percepção de uma elite.

A pergunta "quem é ..." se volta para o brasileiro ideal, para a sua "idéia", e não para um brasileiro particular. Ela nos incorpora e nos ultrapassa num movimento que lembra o dialético. É uma pergunta histórica, que por sua natureza social, tem uma dinâmica própria muito diversa da pergunta por outros conceitos que, uma vez respondidos, fazem cessar toda curiosidade. — Se alguém, por exemplo, pergunta "quem é o escritor?" e obtém a resposta "Eça de Queirós" não perguntará mais. Conceitos de natureza social como "brasileiro, judeu, turco, italiano, japonês, russo, americano" suportam sempre novas perguntas e um mesmo Ss pode dar respostas diferentes de acordo com diferentes fases de sua vida. A "idéia" que tenho, hoje, de "judeu" não é a mesma que possuía nos meus anos infantis. Adorno alerta para o perigo que esta pergunta pode hipostasiar uma "essência coletiva" e conduzir a uma consciência coisificadora. Se isto acontecer temos os estereótipos e os pré-conceitos. Daí a crítica de que pesquisas referentes a nacionalidades, raças, sexos, religiões, são pesquisas sobre estereótipos, e, portanto, com pouca ou quase nenhuma validade. Particularmente acredito que pesquisas como esta contém sempre um "kernel of truth" e merecem ser realizadas, desde que amparadas num método confiável.

Assim pensava Adorno que examinando a história da sua consciência partiu para uma arrojada investigação sobre "Que és alemão?". A sua experiência de viver nos Estados Unidos agudizou, num certo senti-

do, a problemática da identidade nacional. É este um fato muito curioso. Eu também experimentei isto quando vivi no exterior e nunca fui mais brasileiro do que naquela época. O artigo de Adorno foi escrito logo após seu retorno à Alemanha. Ele não escapa do que muitos podem dizer de estereotipar seu país. Ao descrever o prazer de reencontrar sua língua germânica, que segundo ele "... possui uma notória afinidade eletiva com a filosofia... e que se torna apta para expressar a respeito dos fenômenos algo que não se esgota na sua positividade ou caráter de dado." É ainda muito significativa a descrição que Adorno faz da seriedade alemã, suscitada pelo "pathos" do Absoluto e que explica o aparecimento de um Adolf Hitler. Já o "pathos" italiano toma a forma, no Fascismo, de uma opereta bufa. Adorno não fecha a questão "Que és alemão?" e encerra seu artigo de uma forma que considero romântica ao escrever "... aprendemos o sentido que, todavia, pode afirmar este conceito "alemão": o passo para a humanidade." Se Adorno fez a pergunta e oferece uma série de respostas porque não se pode também fazê-la para o brasileiro? Para mim é desejável e possível a formulação da pergunta "Quem é o Brasileiro?" tanto ao nível da consciência fenomenológica como ao nível de uma consulta a outros Ss, pesquisa experimental, que permita a fundamentação de uma objetividade. Ressalto apenas que a cada geração cabe formular a pergunta e encontrar para ela uma resposta. Não há meios de se escapar a este trabalho de Sísifo.

A segunda questão que coloquei passa pela identidade e sua formação na consciência. Não me cabe, nos limites deste artigo, explorar a questão da consciência. Baste, talvez, apontar o problema da consciência como um dos mais complexos e extensos da Filosofia e da Psicologia. Destaco alguns momentos deste problema. Há, primeiro, toda uma versão metafísica com St. Agostinho que muito antes de Descartes apresenta o Cógito. (Vide *De Trinitate*, X, 10-14) como fundamento da existência. Posteriormente, em Descartes, no *Discurso sobre o Método* a consciência fundamentaria também a existência no famoso princípio *Cogito ergo sum*.

Na Psicologia o conceito ganharia nova formulação com F. Brentano, que segundo Penna (1978), define a consciência pela intencionalidade, isto é, pela referência ou relação a um objeto, seja ele mental, imanente ou intencional. Com o Pragmatismo de William James e o Behaviorismo de Watson e Skinner há uma negação da existência da consciência, embora, atualmente, o próprio Behaviorismo tenha revisito sua posição radical e aceite a existência da mesma.

A Psicanálise dá extrema importância ao estudo da consciência. Freud ao longo de sua obra, desde o *Projeto de uma Psicologia*, de 1895, até *O Ego e o Id* de 1923 discute a função da consciência, seja na formação do caráter, nas neuroses e na técnica terapêutica. A consciência tem, em Freud, um papel extremamente importante no processo de "identificação", pois é ela que torna possível a alguém se reconhecer como pertencente a uma determinada categoria de pessoas, como, por exemplo, "brasileiro, psicólogo, burguês, etc." Um exemplo disto vem de Freud. Ernest Jones na sua *Vida e Obra de S. Freud* escreve sobre a identidade nacional de Freud:

"Ele se sentia judeu até o mais profundo do seu ser, e, isto evidentemente, significou muito para ele. Tinha uma sensibilidade exagerada, comum aos judeus, ao mais leve indício de antisemitismo e teve poucos amigos que não fossem judeus." (E. Jones, vol. I, pag. 33)

Freud se chama "judeu" numa carta muito linda que escreveu a Oskar Pfister e na qual pergunta:

"Por que tiveram que esperar que um judeu completamente ateu fizesse estas descobertas?"

Noutra carta dirigida a Abraham esclarece como via a questão de trabalhar com outras pessoas:

"Creio que nós, judeus, se quisermos cooperar de alguma forma com outras pessoas, temos que desenvolver uma pequena dose de masoquismo e estar dispostos a suportar certo grau de injustiça. Não existe outra maneira de cooperar e trabalhar juntos. Pode você estar certo de que se eu me chamasse Oberhuber, minhas novas idéias, apesar de todos estes fatores teriam encontrado muito menos resistência." (Carta de 23 de agosto de 1908, apud Jones, vol. II, pag. 215)

Posso concluir, destes exemplos, que Freud valorizava sua identidade judaica e isto influenciou sua obra como também o manteve solidário ao seu povo até o final de sua vida. Um estudo da formação da consciência e da identidade nacional, tem, portanto, na Psicanálise, uma teoria que oferece inúmeros princípios e "insights" que merecem ser considerados.

A Psicologia do Materialismo Dialético também contribuiu muito para os estudos sobre as bases materiais e históricas sobre as quais se forma a consciência de classe. Nesta direção estão os estudos dos psi-

cólogos russos L. S. Vygotsky e Alexander E. Luria (1984, 1977). Não observei, contudo, nas suas obras, preocupações com o problema da identidade nacional. O Marxismo, enquanto práxis política, tem amplo interesse nos estudos que se voltem para a consciência de classe e a identidade de classe. Ortiz (1985) em "Cultura Brasileira & Identidade Nacional" escreve que "... o Marxismo clássico demonstrou pouco interesse no estudo da problemática que estamos considerando. A razão disto reside, talvez, no fato de que conceitos como "nação", "povo" são insuficientes e/ou obscurecem, no Marxismo, o conflito de classes. A problemática nacional é rejeitada por Marx no texto "A propos du Système national d'économie politique de Friederich List — Ver Oeuvres III, Gallimard, 1982" quando diz textualmente:

"A nacionalidade do trabalhador não é francesa, inglesa, alemã, ela é o trabalho, a escravidão livre, o tráfico de si mesmo. Seu governo não é francês, inglês ou alemão, é o capital. O ar que ele respira não é o ar francês, inglês ou alemão, é o ar das fábricas." (pag. 1435)

Segundo Ortiz (1985) a questão da identidade nacional, dentro do Marxismo, foi valorizada por Gramsci na sua obra "Cadernos do Cárcere". Outro pensador que também registra esta lacuna é G. Lukacs no texto "La Conscience de Classe" ao dizer: "É uma infelicidade, para a teoria como para a práxis do proletariado que a obra principal de Marx tenha se detido justamente no momento que ele aborda a determinação das classes."

Outro severo crítico deste viés no Marxismo é Toynbee (1974) que não considera as lealdades internacionais de classe mais poderosas do que a identidade nacional. Tudo indica, portanto, que a questão da identidade nacional é uma questão aberta dentro do Marxismo que tem experimentado, do ponto de vista histórico, várias derrotas do seu pressuposto de consciência de classe frente aos nacionalismos. Exemplos disto estão na Polônia, na Iugoslávia e Alemanha Oriental. Seria este um caso em que a doutrina política tentou se sobrepor à Psicologia Dialética Materialista que pode fornecer um instrumental metodológico mais adequado para a compreensão do problema? Por que a identidade nacional resiste à extinção e é tão forte mesmo nos países socialistas e parece mais forte que a consciência de classe?

Pergunte-se, por exemplo, como cada pessoa constrói sua identidade? A experiência mediada pela linguagem, pela cultura nacional, pelos símbolos pátrios, a história pátria, chegam primeiro à consciência pa-

ra a formação da identidade nacional do que os elementos que vêm, mais tarde, formar uma consciência de classe. Particularmente suspeito que existem, num mesmo Ss, muitas consciências de classes. Ela seria, neste sentido, pluri-dimensional. Somente em alguns poucos momentos críticos é que ela seria única.

Outra pergunta cabe aqui. Quem constrói a identidade nacional? Na construção da identidade nacional ocorre uma disputa das instituições que possuem diferentes modelos do homem. Elas são a Igreja, o Estado, a Família, os Partidos Políticos, as civilizações, etc. Estes modelos têm experimentado, ao longo da história de uma nação muitas transformações e conseguem se impor apenas setorialmente. A identidade nacional seria ainda o resultado da combinação desses modelos abstratos que operam sobre o homem concreto. Desta forma, uma possível maneira de se compreender o brasileiro e seus padrões comportamentais pede, necessariamente, um estudo profundo das instituições citadas. Como o brasileiro é originário da civilização lusitana o estudo do Estado Português precisa ser feito. Suspeito que nossos pais portugueses passaram para nós, nos anos do Brasil Colônia, uma série de problemas de identidade nacional. Schwartzman (1982) é um dos poucos estudiosos nesta direção e mostra muito bem as raízes do autoritarismo que sempre foi uma constante na vida de Portugal e na nossa. Há que entender o nosso autoritarismo — tão diferente do americano, por exemplo — estudando-se a formação de Portugal e as dificuldades que tiveram os lusos de forjar sua identidade nacional. Bem sabemos que a Península Ibérica foi um corredor, e, por ela desceram os Godos, Alemanos e subiram os Árabes até os Pirineus. Portugal, forjada após a Hispania, logo teve que apelar para um poder centralizado para manter sua unidade frente aos ambiciosos espanhóis. Por outro lado, o seu tardio aparecimento na Europa — foi um dos últimos Estados a se constituir — pode, provavelmente, explicar até um certo sentimento de inferioridade dos portugueses com relação a outros povos. Camões já registrou este sentimento por volta de 1572 nos "Os Lusíadas":

"Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Inglezes,
possam dizer que são pera *mandados*
Mais que pera mandar, os Portugueses".

(Canto X, 152)

Eis aí uma interessante linha de pesquisa a ser desenvolvida por uma Psicologia da História: os anos de formação de Portugal e sua influên-

cia sobre o Brasil estudando-se em que medida os portugueses nos passaram seus problemas de autoritarismo, inferioridade e beletrismo.

No Brasil temos tido magníficos estudos sobre a questão da identidade nacional por parte de sociólogos, filósofos, ensaístas e escritores. Em artigo que publiquei em 1985 considerei que o tema não é de exclusividade de psicólogos e que ótimos "insights" sobre o problema aparecem nas obras destes especialistas. Cito o pouco conhecido e divulgado livro de Álvaro Vieira Pinto *Consciência e Realidade Nacional* de 1960, marco dos estudos isebianos, e que permanece uma obra de leitura obrigatória para quem quer compreender o brasileiro.

Macunaíma, de Mário de Andrade, é outra obra clássica nesta área de estudos. Ela suporta, do meu ponto de vista, várias "leituras". Uma das possíveis leituras seria a psico-social e que está para ser feita. Tentou Mário retratar o brasileiro no seu herói sem nenhum caráter? A discussão sobre esta interpretação vem da época em que o escritor era vivo e ele negou este objetivo. Mas naquela rapsódia não tentou o autor nos admoestar justamente contra o anti-herói que não podemos ser? Isto é, malandro, ansioso de se livrar de sua negritude? Macunaíma tem um fim trágico. Ele é vencido pela natureza — a saúva — e sem saúde foi banzar solitário no campo vasto do céu."

No estudo experimental que realizei com Muccilo, Mello e Canhos, numa amostra de Ss de Ribeirão Preto e Jaú, verifiquei a aceitação de traços psico-sociais apontados por autores como Gilberto Freyre e Sérgio B. de Holanda. Atualmente, graças às sessões técnicas que foram realizadas desde 1983 nas Reuniões Anuais da SPRP, a psicologia brasileira dispõe de um número grande de pesquisas sobre o brasileiro conduzidas por este autor, José Augusto Dela Coleta, — Aroldo Rodrigues, Maria Alice D'Amorim, Álvaro Tamayo, Ângela Biaggio e Carlos Américo Pereira.

Acredito, finalmente, que ficou exaustivamente demonstrado que o estudo da identidade nacional é fundamental para o brasileiro, sobretudo nesta época crítica da nossa História. Agora, ele pode ser feito sem os riscos que acompanhavam o Nacionalismo e o Etnocentrismo das décadas de 30.

A História tem demonstrado o papel da identidade nacional na sobrevivência de um Povo mesmo que ele não disponha de um território seu. O povo judeu é um bom exemplo disto, como ainda os parses, molokones e atualmente os palestinos. A busca de uma "forma" bra-

sileira de ver o mundo, teorizar sobre os problemas institucionais e sociais e buscar soluções originais é fundamental se quisermos possuir, como escreveu Ortega y Gasset uma nova "forma" de vida que seja distinta da americana, da soviética, da francesa ou da inglesa.

Somente a conquista desta "originalidade" é que nos assegurará, a longo prazo, um lugar de destaque entre os Povos. Situada a questão dentro das várias perspectivas com que tem se apresentado, cabe, agora, discutir os conceitos básicos nesta área de estudo.

2. Conceituações

Nesta segunda parte me deterei na discussão dos conceitos de caráter nacional, características nacionais, personalidade básica, personalidade modal e identidade nacional.

Inicialmente, cabe registrar que os psicólogos modernos preferem usar o conceito de 'personalidade' ao invés de caráter. Ele teria um comprometimento menor com a ética e seria mais 'científico.' Caráter é um dos conceitos mais antigos das ciências humanas. Já o filósofo grego Heráclito de Éfeso (480 a.C) o teria usado num fragmento célebre: "O caráter do homem é o seu destino." O conceito surge, portanto, num esforço de conhecer o homem singular e o que responderia pelos seus comportamentos. Durante a Antiguidade e até hoje várias respostas foram dadas. Para alguns seriam os astros, para outros as gunas, a bilis, o sangue, o meio ambiente, a família, etc. É o determinismo que se repete sob as mais diversas formas. A noção de um homem que não seria unicamente pré-determinado por agentes externos seria defendida apenas pelo Cristianismo, sem que ele desconhecesse as influências destes condicionamentos.

O conceito de caráter dominou amplamente a Psicologia européia até inícios do século XX na constante busca das relações entre constituição e caráter, nome, aliás, do livro do psiquiatra alemão E. Krestchmer. Esta obra *Constitución y Carácter* chegou na Alemanha a 20 edições e foi traduzida em todas as línguas européias tendo uma influência muito grande até no Brasil. Marcaram época também as escolas constitucionalistas de Viola e Pende na Itália; Sigaud e MacAuliffe na França e as tipologias de Freud e Jung. Os americanos tiveram em Sheldon e Stevens uma expressão desta escola. Nestes vários contextos o conceito de caráter é sinonimizado por tipo, temperamento.

Quando começou, por outro lado, a aplicação do conceito de caráter

não mais ao tipo singular, mas ao tipo ideal de homem que seria formado nas diferentes nações? Dante Moreira Leite (1927-1976) indica no seu clássico "O Caráter Nacional Brasileiro" o filósofo alemão Herder (1744-1803) como sendo o formalizador desta teoria do caráter nacional. Mas Herder é apresentado de uma forma sumária e seu sistema, muito complexo e rico, fica esvaziado. Sobre Herder é oportuno registrar que ao contrário das previsões de Moreira Leite ele foi colocado na ordem do dia, em França, neste ano de 1987 com o provocante livro de Alain Finkielkraut (1987) "La Défaite de la pensée". Naquela obra este discutido filósofo, ex-aluno das "écoles" diz que "... este conceito de gênio nacional (não caráter, como traduziu Moreira Leite) faz dobrar os sinos da cultura universalista das luzes" e que ele se desdobra, até hoje, com implicações incríveis. Se Finkielkraut está correto em sua interpretação teremos, neste final de século, um retorno aos estudos sobre identidade nacional.

Cabe também registrar que sem chegar a uma elaboração tão profunda como a de Herder no seu livro "Uma outra Filosofia da História" encontrei em Montesquieu (Vide Espíritos das Leis, 1748) um teórico do conceito de caráter nacional. (Ver Livro 19, caps. 10, 14 e 27 e Livro 21, caps. 12 e 14 da obra citada).

Mas já que se discutiu tanto o conceito é hora de esboçar uma definição do mesmo. O problema aqui é onde encontrá-lo. O conceito ocorre em dicionários de Filosofia, Sociologia e Psicologia com pouca ou nenhuma variação. Tome-se o de Martim Neumeyer:

"Caráter é uma qualidade, traço ou soma de traços, atributos ou características que servem para indicar a natureza essencial de uma pessoa ou coisa"
Dictionary of Sociology, pag. 37, Ed. Littlefield, Adams & Co, 1959).

E onde entra, nesta definição, o complemento nacional? Na minha pesquisa e na leitura de Lei (1983) não encontrei, como em outros autores, uma definição de caráter nacional, embora o conceito seja discutido e criticado. Penso, contudo, que é necessário compreender o conceito na sua forma tradicional para se avançar na sua crítica. Quem melhor o compreendeu foi Abraham Monk que discute a relação de caráter individual com o nacional e esclarece que o segundo se atem ao progresso da socialização e transmissão de valores dentro de um espaço geográfico ou "geo-comportamental." Isto é que permitiria a particularização de grupos sociais que denominamos de brasileiros, italianos, russo, etc. Mas o próprio Monk formaliza uma série de críticas ao conceito, e que são as seguintes:

1. Quais são as relações precisas entre caráter nacional e o individual?
2. Pode-se delimitar fisicamente o âmbito no qual tem validade um caráter nacional?
3. Como se podem separar certas modificações variáveis — economia, tecnologia, política, comunicações culturais, deslocamentos de população — do que é estritamente "nacional" no caráter nacional?

Desconheço se estas críticas de Monk foram respondidas até hoje.

Qual a relação que existe entre caráter nacional e características nacionais? Otto Klineberg (1957, vol. II) justifica a introdução deste último conceito porque ele não tem conotação moral. É mais neutro e mais extenso. Ele busca não apenas uma enumeração de traços característicos dos povos mas compreender como eles se organizam e se integram numa estrutura unificada. Infelizmente, Klineberg não continuou nesta linha de pesquisa e seu conceito esgotou-se em poucas publicações sem cumprir o que prometia.

Os conceitos de personalidade básica e personalidade modal foram introduzidos na literatura por Kardiner e La Barre. Kardiner (1945) e Kardiner e Oversey (1951) foram pioneiros na aplicação da psicanálise na Sociologia e na Antropologia e elaboraram o conceito de personalidade básica para justificar comportamentos e sentimentos comuns que compartilham pessoas que vivem numa mesma cultura. Esta personalidade de base responde pela introjeção de traços específicos de cada cultura. Assim ele exemplifica que na ilha de Alore, Indonésia, a desconfiança é um traço permanente e compõe a personalidade básica dos habitantes se refletindo, contudo, de formas diferentes. De acordo com Kardiner a personalidade básica está assentada em quatro princípios:

- 1º - As primeiras experiências do indivíduo exercem um efeito durável sobre a personalidade;
- 2º - As experiências semelhantes tendem a produzir configurações de personalidade semelhantes nos indivíduos que estão submetidos às mesmas;
- 3º - As práticas de educação das crianças se conformam a esquemas culturais e tendem a ser semelhantes, ainda que elas não sejam jamais idênticas nas diferentes famílias no seio da sociedade;
- 4º - A maneira de criar as crianças difere de uma sociedade para outra. As experiências são muito diferentes nas sociedades, de maneira que as normas de personalidade diferem igualmente.

Finalmente, para Kardiner a formação da personalidade básica, típica de um Ss pertencente a uma cultura, é feita em função das instituições primárias (família, forma de alimentação, desmame, disciplinas de base, tabus sexuais, técnicas de subsistência) e instituições secundárias (religião, folclore, técnicas de pensamento, etc.) Dadas estas explicações pode-se, agora, apresentar-se a conceituação de personalidade básica — dada por Dufrenne (1959):

“... é uma configuração psicológica particular, própria dos membros de uma dada sociedade e que se manifesta num certo estilo de vida sobre o qual os indivíduos constroem suas variantes singulares. O conjunto dos traços que compõem esta configuração, por exemplo, certa agressividade unida a certas crenças, a certa desconfiança frente ao outro, merece ser chamada *personalidade básica*, não porque constitua exatamente uma personalidade mas porque constitui a base da personalidade para os membros do grupo, a matriz na qual se desenvolvem os traços do *caráter*.” (Dufrenne, p. 115)

Desta forma, o conceito de “caráter” reaparece dentro do constructo de personalidade básica. E é ele que identifica os grupos nacionais e faz com que os brasileiros sejam brasileiros. Embora o conceito me pareça ainda promissor em sua base psicanalítica desconheço outras pesquisas além daquelas que foram realizadas por estes autores.

O conceito de personalidade modal não tem, na Psicologia, uma história tão expressiva como os anteriores. Fui encontrar algumas poucas referências em McDavid e Harari (1974, pag. 137) que apontam como sendo seus autores os antropólogos de La Barre, em 1946, e Inkeles, Hanfman & Baier, 1958. Personalidade modal será aquela que ocorre com mais freqüência numa cultura. Vem da estatística “moda”. O conceito é descritivo e permitiria apenas que: “se um Ss é retirado ao acaso da amostra de brasileiros existe uma grande probabilidade de que ele confirmará, sob muitos aspectos do seu comportamento, um quadro descritivo, modal ou um membro típico da nossa sociedade.”

Apresentados estes conceitos, pergunta-se o que de novo vem trazer o conceito de identidade nacional. Será mais vantajoso usá-lo nas pesquisas?

Não é grande a literatura sobre identidade nacional. Para ser exato o tema foi trabalhado, entre nós, na década de 50 e 60 pelo grupo do Instituto Superior de Estudos Brasileiros — ISEB — por Roland Cor-

bisier e Álvaro Vieira Pinto. A última publicação brasileira sobre a matéria é o livro do ribeirãopretano Renato Ortiz "Cultura Brasileira & Identidade Nacional". Na Venezuela encontrei o excelente texto de Maritza Montero, "Ideología, Alienación e Identidad Nacional", publicado em 1984. Estes autores, de formações teóricas diferentes, enfocam o problema sob ângulos diversos. Para Corbisier a busca da identidade nacional é uma falsa questão já que é mais importante perguntar quem é o artífice desta identidade e da memória que a fundamenta. A que grupos sociais se vinculam e a que interesses ela serve? Para mim o problema permanece mesmo se respondidas estas questões. Cada época histórica revela diferentes grupos, interesses, etc. Ortiz — duvida ainda da possibilidade de definir a identidade nacional e concorda com Lévy-Strauss que a "identidade é uma entidade abstrata sem existência real, muito embora seja indispensável como ponto de referência. Ela seria alguma coisa como as 'bruja' dos espanhóis em que ninguém crê, mas "que las hay, hay."

Já Corbisier faz uma apreciação simpática às tentativas de se definir a identidade nacional em termos de caráter do brasileiro e rememora as tentativas de Sérgio B. de Holanda com a cordialidade; Paulo Prado com a tristeza e Cassiano Ricardo com a bondade, que, para ele são apenas buscas de 'estrutura fásica' e sujeita, portanto, a modificações. É nesta linha que me coloco.

A definição de Montero é muito promissora. Para ela a identidade nacional é:

"... um conjunto de significações, representações relativamente permanentes através do tempo que permitem aos membros de um grupo social que compartilham uma história e um território comum, assim como outros elementos sócio-culturais, tais como a linguagem, uma religião, costumes e instituições sociais reconhecer-se como relacionados uns com os outros biográficamente." (pag. 76).

Esta definição tem sobre as anteriores uma série de vantagens. Ela é suficientemente ampla para incorporar o aspecto histórico do homem, a estabilidade, as instituições e a situação. Atende tanto ao singular, eu como brasileiro, como o nós brasileiros.

A esta altura creio que é possível se realizar um ensaio de se estudar a identidade brasileira, de um brasileiro muito especial, Carlos Drummond de Andrade que pode ilustrar muito bem a definição de Montero. Entre 1925 e 1930 Drummond ataca o problema pela primeira

vez em "Também já fui brasileiro"; entre 1931 e 1934 retoma a questão em "Hino Nacional", e, finalmente, em 1973 revela sua identidade final em "Canto Brasileiro." Na década de 20, época de crise de identidade, da Semana da Arte Moderna ele se diz "moreno como vocês e aprende na mesa dos bares que o nacionalismo é uma virtude" mas sua ironia arremata: "há uma hora em que os bares se fecham e todas as virtudes se negam."

Entre 31 e 34, em plena época revolucionária, o poeta está inquieto com o gigante que dorme, que recebe imigrantes "francesas muito louras de pele macia, alemãs gordas, russas nostálgicas", enfim, a modernização do Brasil, os professores estrangeiros e como que sufocado pela influência que vem do estrangeiro ele desabafa no final: "Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil. Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?" Maior exemplo de insegurança no processo de identificação nacional não pode existir.

Quarenta anos depois, no seu "Canto Brasileiro" parece que o poeta está com sua identidade nacional estabelecida. Diz, então: "Meu país, essa parte de mim fora de mim constantemente a procurar-me. Se o esqueço — e esqueço tantas vezes — volta em côr, paisagem, na polpa da goiaba, na abertura das vogais, no jogo divertido de esses e erres e sinto que sou mineiro carioca amazonense coleção de mins entrelaçados. Sou todos eles." Para concluir: "Brasileiro sou, moreno irmão do mundo é que me entendo e livre irmão do mundo pretendo. (Brasil, rima viril de liberdade." De formas diferentes, de acordo com sua cultura, sensibilidade, cada um de nós pode ter vivido o problema da sua identidade nacional.

Acredito já haver demonstrado, à saciedade, que o problema da identidade nacional é relevante, permanente e digno de ser estudado pelas teorias psicológicas. Cabe-me, agora, apresentar minhas conclusões.

3. Conclusões

Estas conclusões serão apresentadas considerando três níveis; a) ao nível dos conceitos; b) da metodologia de pesquisa; c) das teorias.

Ao nível dos conceitos verifica-se que o conceito mais antigo e que resiste até hoje é o de caráter nacional. Ele tem amplo uso, no Brasil, nos meios políticos e nas Forças Armadas. Os conceitos que vieram posteriormente, características nacionais, personalidades básica e modal não acrescentaram, em termos de pesquisa, o que deles se pode-

ria esperar. Considero, por outro lado, promissor o uso do conceito de identidade nacional devido a sua abrangência teórica. Ele incorpora o problema da formação da consciência, a função da linguagem, os valores, a história, as instituições, o eu e o nós. Parece-me que pode ser de uso tanto de uma psicologia de orientação dialética como de uma psicologia cognitivista.

Ao nível dos métodos de pesquisa não privilegio mais os estudos fundamentados sobre traços, embora eu mesmo tenha realizado um estudo nesta direção. Hoje, eu privilegiaria pesquisas que partindo, talvez dos estudos fundamentados em traços, procurassem uma investigação cognitiva mais extensa dos componentes da identidade. Em crianças o uso do método clínico como o fez Piaget (1951) num estudo encomendado pela UNESCO parece muito adequado. Como se formam em nossas crianças, conceitos como: pátria, bandeira, estrangeiros, etc. Como se desenvolve a identidade com a cidade, o Estado e a Nação, isto é, de origem africana, japonesa, indígena, etc. É todo um programa que está esperando desenvolvimento.

Como já sugeri anteriormente problemas específicos da nossa identidade nacional, como o paternalismo, autoritarismo podem ser estudados por uma Psicologia Histórica fundamentando-se tanto em documentos históricos que compreendam a formação do Estado Português e da Colônia Brasileira. Para a investigação da identidade nacional em adultos o artigo de Adorno oferece "pistas" muito interessantes, seja num mergulho na língua portuguesa; na música brasileira ou nas obras dos nossos grandes escritores. Estudos dos tipos criados por Machado de Assis, Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Mario de Andrade muito nos revelam da nossa identidade nacional.

Finalmente, em nosso meio considero como promissores os estudos surgidos em torno das Reuniões Anuais da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto como os realizados por um grupo da PUC-SP, onde ressalto o trabalho de Carlos Byington, na linha junguiana. É hora, agora, de se encontrar para os estudos ribeirãopretanos sobre o Brasileiro uma teoria que possa integrar as dezenas de achados. Não descarto, embora não seja minha especialidade, a contribuição que uma Psicologia Marxista possa fazer nesta área, como a Epistemologia Genética de Jean Piaget.

Sou, portanto, um otimista com relação ao futuro das pesquisas sobre identidade nacional. Como meu objetivo maior foi aqui apresen-

tar o 'estado da questão', como diziam os escolásticos, sou obrigado a registrar que o filósofo francês Finkielkraut assim não considera. Para ele, uma nova forma de identidade surge no horizonte da humanidade e que superará as identidades nacionais, de classe, raciais, religiosas, sexuais e políticas. A identidade que Edgar Morin chama de 'bio-classe'. Numa civilização que não quer envelhecer, que teima em ser adolescente o que identificará mesmo será a pertinência à juventude. Será profético o canto de Michael Jackson que um dia nos ensinou: 'We are the world. We are the childrens? Não tenho resposta a este desafio, porque minha geração aceitou envelhecer.

*
* * *

BIBLIOGRAFIA:

- ADORNO, Theodor W. Sobre la pregunta "Que és alemán?" In: *Consignas*. Buenos Aires, Amorroutu Editores, 1973.
- ANDRADE, C. D. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1983.
- ANDRADE, M. *Macunaíma: O Herói sem nenhum caráter*. 18ª ed. São Paulo, Martins Ed., Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981.
- BYINGTON, C. O Conceito — de Identidade Individual e Coletiva na Dimensão Simbólica, a Identidade Ôntica (Eu-Outro) e a sua Interrelação com a Identidade Ontológica ou Identidade do Self. In: *Identidade: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, Série Cadernos da PUC, 1985.
- CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1931.
- DEBRET, J.B. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Trad. de Sérgio Milliet, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, vol. 1 e 2.
- DUFRENNE, M. *La Personalidad Basica: Un concepto sociológico* Versión castellana de Jorge Garcia Souza, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1959.
- ERIKSON, E.H. *Identity, Youth and Crisis*. Londres, Macgibbon and Kee, 1965, 1965.
- EWBANK, T. *A Vida no Brasil ou Diário de uma Visita à Terra do Cacueiro e das Palmeiras*. Trad. de Jamil A. Hadad; Apresentação de Mario G. Ferri, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- FROMM, E. *Escape from Freedom*. New York, Rinehart, 1941.
- FINKIELKRAUT, A. *La Défaite de la Pensée*. Paris, Gallimard, 1987.

- GASSET, J.O. *Meditações do Quixote*. Comentário de Julian Marías, Trad. de Gilberto de Mello Kujawski, São Paulo, Livro Ibero-Americano Ltda., 1967.
- JONES, E. *Vida y Obra de S. Freud*. Versión castellana del Dr. Mario Carlinsky, Buenos Aires, Editorial Nova, volumes 1 e 2, 1959.
- KARDINER, A. The concept of basic personality structure as an operational tool in the social science. In: Haring, Douglas G. (Eds) *Personal Character and Cultural Milieu*. Syracuse. Syracuse University Press, 1948, pags. 431-447.
- KARDINER, A., Linton, B., Du Bois, C. e West, J. *The Psychological Frontiers of Society*. New York, Columbia University Press, 1945.
- KLINEBERG, O. *Psicologia Social*. Trad. de Maria L.E. Silva, Jane B.L. Cruz e Olga Oliveira e Silva, 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1963.
- LEITE, D.M. *O Caráter Nacional Brasileiro*. 4ª edição definitiva, com introdução de Alfredo Bosi, São Paulo, Pioneira, 1983.
- LÉVY-STRAUSS, C. *La Identidad*. Barcelona, 1981.
- LUKACS, G. *Histoire et Conscience de Classe*. Traduit par K. Axelos et J. Bois, Paris, Les Éditions De Minuit, 1960.
- LURIA, A. R. *Cognitive Development: Its Cultural and Social Foundations*. Translated by Martim Lopez and Lynn Solotaroff, Cambridge, Harvard University Press, 1977.
- MONTESQUIEU, Charles L. *Do Espírito das Leis*. Introdução e notas de Gonzague Truc. Tradução de Fernando H. Cardoso e Leôncio M. Rodrigues, 3ª ed., São Paulo, Abril, 1985.
- MORAIS, A. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10ª ed., vol. II, Lisboa, Ed. Confluência, 1950.
- MONTERO, M. *Ideologia, Alienación e Identidad Nacional*. Caracas, Ediciones de la Biblioteca de la Universidad Venezolana, 1984.
- MÓNK, A. Crítica Psicológico-Social ao Conceito de Caráter Nacional. In: *Sociologia*.
- McDAVID, J.W. e HARARI, H. *Psychology and Social Behavior*. New York, Harper & Row, 1974.
- ORTIZ, R. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.
- PENNA, A.G. *Introdução à História da Psicologia Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- PIAGET, J. Le développement, chez l'enfant de l'idée de Patrie et des relations avec l'étranger. In: *Bulletin International des Sciences Sociales*, Paris, UNESCO, 1951, 3, 605-621.

- PINTO, A.V. *Consciência e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro, ISEB-MEC, volumes 1 e 2, 1960.
- SPRANGER, E. *Formas de Vida* – Psicologia entendida como Ciência do Espírito e Ética da Personalidade. Trad. Guido de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- SCHWARTZMANN, S. *Bases do Autoritarismo Brasileiro*. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1982 (Coleção Temas Brasileiros vol. 12).
- TOYNBEE, A.J. *Toynbee sobre Toynbee*. Colóquio entre A.J. Toynbee e G.R. Urban. Trad. de Carmem Lidia R. Moura, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981.
- VYGOSTSKY, L.S. *A formação social da mente*. Trad. de José C. Neto, Luis Silveira M. Barreto e Solange Castro Afeche, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1984.

SUMÁRIO

Questões sobre a identidade nacional, caráter nacional, características nacionais, personalidade modal e personalidade básica são correlacionadas e muito relevantes para a Filosofia, Sociologia, Antropologia e Psicologia. No Brasil, autores como Álvaro Vieira Pinto, Sérgio B. de Holanda e Gilberto Freyre teorizaram sobre o caráter nacional do povo brasileiro. "Consciência e Realidade Nacional", "Raízes do Brasil" e "Casa Grande & Senzala" são obras clássicas onde as características psicossociais do brasileiro são descritas, como por exemplo, cordialidade, individualismo, animismo, aventureiro, sensual, sadismo nos grupos dominantes e masoquismo nos grupos dominados. Estes ensaios têm sido criticados pelos autores marxistas. Eles enfatizam a consciência de classe e colocaram na "intelligentsia" alguns obstáculos para os estudos sobre a identidade nacional.

Mas este autor considera muito relevante estudar o problema da identidade nacional porque ele é mais básico do que o problema da consciência de classe. Ele acredita que cada geração deve descobrir os traços essenciais da identidade do brasileiro. Se a identidade nacional transforma-se ao longo dos anos existe, contudo, alguma estabilidade para ser considerada.

Em dois artigos o problema da identidade é estudado. Primeiro, o autor considera os aspectos teóricos do problema. Ele examina cuidadosamente diferentes perspectivas, conceitos básicos nesta área de estudo e como o problema pode ser estudado. No segundo artigo – a ser publicado num dos próximos números de SÍNTESE – é comunicado um estudo experimental com amostras de brasileiros

das cidades de Ribeirão Preto, Jaú e Franca, Estado de São Paulo, onde a "imagem" do brasileiro é muito negativa para ele mesmo. Mas se esta imagem "real" é negativa a imagem "ideal" que o brasileiro faz dele mesmo para o futuro é positiva e construtiva e mostra um novo tipo de brasileiro.

SUMMARY

Questions about national identity, national character, national characteristics, modal personality and basic personality are correlated and very pertinent to Philosophy, Sociology, Anthropology and Psychology. In Brazil there are authors as Álvaro Vieira Pinto, Sérgio B. de Holanda and Gilberto Freyre that have theorized about national character of brazilian people. "Consciência e Realidade Nacional", "Raízes do Brasil" and "Casa Grande & Senzala" are classic works where are described the psycho-social characteristics of brazilian as, for example, cordiality, individualism, adventurer, animism, sensual, sadism in the elites and masochism in the people. These essays have been criticized by marxists authors. They appraise theoretical studies on class consciouness and have put in the "intelligentsia" some obstacles for studies on national identity.

This author estimate, however, much more relevant to study the problem of national identity because it is more basic that class consciouness. He believes that each generation must discover the essential traits of brazilian identity. If the national identity is changing along the years there are some stability to be considered.

In two articles the problem of brazilian identity is studied. First, the theoretical aspects of problem, basic constructs and methodology of research are demonstrated by the author in the present article. In the second article (to appear in one of the next issues of "SÍNTESE") is communicated an experimental study with samples of brazilians of Ribeirão Preto, Franca and Jaú — São Paulo State — where the "image" real and ideal are analysed by statistiscal tests. If the "real image" of brazilian is very negative there are, in the future, great expectations of a new model of man in the "ideal image".